

Julgamento longo interfere na decisão dos jurados

Uma coisa é certa: um julgamento longo, como o do casal Nardoni, interfere na decisão do júri. Entretanto, há divergências entre os especialistas se a defesa é beneficiada ou prejudicada por esse extenso período de plenário. Ontem, os sete jurados (quatro mulheres e três homens) já mostravam claramente sinais de cansaço e tédio. O advogado dos acusados, Roberto Podval, dispensou seis testemunhas na tentativa de acelerar os trabalhos.

Até agora, são 72 horas vivendo única e exclusivamente para o julgamento, sem regalias ou direitos especiais. Para os jurados, a rotina tem sido voltada somente para o júri do caso Isabella, do café da manhã ao momento de dormir em um alojamento. São dois universitários, um eletricista, uma auxiliar de cobrança, uma técnica em vendas, uma publicitária e uma arquiteta, que só terão suas vidas de volta quando a sentença for definida.

Vladimir Balico, professor de Direito Processual da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, afirma que a demora beneficia os acusados. “Com o cansaço, as pessoas tendem a perder o discernimento. Na dúvida, com certeza, o jurado vota pela absolvição. O cansaço, nesse caso, é um aliado.”

Na avaliação dele, Podval não deveria ter dispensado as testemunhas. “Eu deixaria o julgamento ir acontecendo e contaria com a demora a meu favor.” Ele diz que em casos de pessoas mantidas reféns, a estratégia da polícia é justamente cansar o sequestrador, para que acabe se rendendo.

Cansaço

Já o advogado criminalista João Ibaixe Júnior, membro da Comissão de Direito Criminal da OAB, ressalta que a demora prejudica a defesa do casal. Isso porque a estratégia de Podval é argumentar baseado nos laudos técnicos mostrados pela acusação. “Com o jurado cansado, ele não vai prestar a atenção necessária no que está sendo dito, porque o assunto, além de tudo, é técnico.”

No depoimento de ontem da perita Rosângela Monteiro, que fez uma explanação técnica sobre DNA e sangue, a impaciência dos jurados era evidente.

Eles se remexiam, alongavam os braços e até ficavam “brincando” com as garrafinhas de água. Os homens pareciam mais desconcentrados. O grupo se mostrou mais atento quando Rosângela dava explicações sobre o corte na tela de proteção por onde Isabella foi jogada.

O especialista salienta ainda que além do cansaço, os jurados ficam submetidos o tempo todo a um caso de violência. “Tem um desgaste físico e emocional. Além disso, eles estão totalmente fora de suas rotinas.” Tudo isso interfere na capacidade de decisão.

Rotina

Desde segunda-feira, os jurados têm dormido em dois alojamentos separados no Fórum da Barra Funda. Eles acordam às 7h30, tomam café leite, pão, manteiga e frios e se dirigem juntos para o Fórum de Santana.

Durante todo o tempo, são acompanhados por agentes de fiscalização do Tribunal de Justiça, uma vez que estão proibidos de conversar sobre o caso entre si ou com outras pessoas. Caso isso ocorra, o júri será anulado.

Três funcionários cuidam do almoço dos jurados - normalmente, arroz, feijão, salada e carne. Nos depoimentos, o juiz Mauricio Fossen, pergunta constantemente se eles precisam ir ao banheiro ou se estão cansados.

Emoção

Segundo juristas ouvidos pelo JT, os jurados podem se emocionar e chorar, como aconteceu no segundo dia do julgamento, mas não podem, em hipótese alguma, tirar um cochilo durante o júri, sob risco de provocar sua anulação.

O choro de uma jurada no depoimento da mãe de Isabella, Ana Carolina de Oliveira, levantou dúvidas se ela estaria desrespeitando as regras. Para o criminalista Roberto Delmanto Junior, o fato de a jurada ter chorado não significa que estava emitindo opinião.

“Não acredito que haverá consequências porque é uma reação emocional, simplesmente, não um pré-julgamento”, diz o advogado. “O próprio advogado de defesa disse que se emocionaria.” Marici Capitelli, Bruno Tavares e Rodrigo Brancatelli